

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RIQUELLY CARLA DOS SANTOS SILVA

O Movimento Negro em Alagoas e as Lutas Travadas Pelo INEG 2010-2022

Maceió - AL

2022

RIQUELLY CARLA DOS SANTOS SILVA

Movimento Negro em Alagoas e as Lutas travadas pelo INEG 2010-2022

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de bacharel em História pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL sob orientação do Prof. Dr. Danilo Luiz Marques.

Maceió – AL

2022

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586m Silva, Riquelly Carla dos Santos.
Movimento negro em Alagoas e as lutas travadas pelo INEG 2010-2022 /
Riquelly Carla dos Santos Silva. – 2022.
50 f.

Orientador: Danilo Luiz Marques.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História:
Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 37-38.
Apêndice: f. 39-50.

1. História dos povos negros. 2. Movimento negro – Alagoas. 3.
Resistência negra. I. Título.

CDU: 94(81)

RESUMO:

Sabemos que a História do povo negro no Brasil, sempre foi sinônimo de luta e resistência, estando atrelada a todo processo de colonização, escravização e silenciamento de suas origens e cultura, mas também é sabido que ao longo da História sempre houve organizações do povo preto para lutar contra as formas de opressão e toda violência sofrida desde o século XVI até os dias atuais. Sendo assim este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento sobre o Movimento Negro em Alagoas, que foi berço do Quilombo dos Palmares, um dos maiores símbolos da resistência negra contra a escravidão. Neste trabalho, será abordado a criação e atuação do Instituto do Negro de Alagoas INEG, desde a sua formação em 2010 e suas contribuições na luta do povo preto que se faz presente até os dias atuais.

Palavras- Chave: Movimento Negro, Resistência, Ações Afirmativas, Alagoas

ABSTRACT:

We know that the history of black people in Brazil has always been synonymous with struggle and resistance, being linked to the entire process of colonization, enslavement and silencing of their origins and culture, but it is also known that throughout history there have always been organizations of black people to fight against forms of oppression and all the violence suffered from the 16th century to the present day. Therefore, this work aims to survey the Black Movement in Alagoas, which was the birthplace of *Quilombo dos Palmares*, one of the greatest symbols of black resistance against slavery. This work will address the creation and performance of the *Instituto do Negro de Alagoas INEG*, since its formation in 2010 and its contributions in the struggle of the black people that is present until the present day.

Keywords: Black Movement, Resistance, Affirmative Actions, Alagoas

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Danilo Luiz Marques por ter aceitado o convite de me orientar nesta pesquisa e por todos os ensinamentos partilhados no desenvolver da mesma. Aos professores que aceitaram o convite para participar da banca examinadora deste trabalho.

Aos amigos do curso de História e dos demais cursos da Universidade que foram essenciais na minha caminhada acadêmica até aqui. Em especial a Laís, Gabriel Santos, Myllena, João, Wesley, Sthefanie, Flávia, Caroline, Leticia Vita, Leonilson, Lucas Bertoldo, Maria Eduarda e Cledson, que contribuíram para que a caminhada até aqui fosse mais leve e acolhedora.

A minha família, em especial a meus pais, e minha tia Edna que sempre demonstrou interesse na minha formação educacional. Agradeço também Jeferson Silva, coordenador e presidente do Instituto do Negro de Alagoas pelo depoimento prestado, contribuindo para que essa pesquisa fosse possível.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
1. INTRODUÇÃO	7
2. HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO	8
3. O MOVIMENTO NEGRO EM ALAGOAS E A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ZUMBI DOS PALMARES	15
4. O INSTITUTO DO NEGRO DE ALAGOAS – INEG ORIGEM E FORMAÇÃO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS	33
7. APÊNDICE	34

FOLHA DE APROVAÇÃO

RIQUELLY CARLA DOS SANTOS SILVA

O Movimento Negro em Alagoas e as Lutas Travadas Pelo INEG 2010-2022

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História Bacharelado do Campus A.C. Simões da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, e aprovado em 15 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Danilo Luiz Marques, UFAL/ICHCA (Orientador)

Profa. Ma. Clara Suassuna Fernandes, UFAL/ICHCA

Prof. Esp. José Roberto dos Santos Lima, UFAL/ICHCA

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce da urgência e necessidade de estudar e reafirmar as lutas do Movimento Negro em Alagoas. Apesar da larga documentação existente sobre o assunto, se tem pouca produção de trabalhos acadêmicos acerca da temática na região alagoana. Dessa forma, se faz necessário buscar cada vez mais documentos, produzir e viabilizar os estudos. Pensando na produção local de trabalhos sobre o tema, essa pesquisa busca compreender os fatores e as organizações presentes no Estado e as lutas travadas a favor da comunidade negra no Estado através da história do Instituto do Negro de Alagoas (INEG)

Entendemos que a partir dos acontecimentos em determinados períodos da construção de uma sociedade, se faz necessário criação de coletivos e grupos de organização para reivindicar direitos civis quando estes lhe são negados ou até mesmo inexistentes para determinados grupos de pessoas, e minorias, seja por questão social, racial, de gênero ou de qualquer natureza. É sabido que movimentos organizados foram os responsáveis por mudanças históricas na sociedade, mudanças essas que abrangem toda a estrutura de um país, ou uma sociedade.

Nosso país foi construído a partir da colonização e exploração dos povos indígenas e do processo de tráfico atlântico e exploração dos povos africanos e seus descendentes da diáspora. Sendo assim, o Brasil nasce da opressão de povos que foram expostos e oprimidos nos mais de trezentos anos do processo da escravidão. A partir da colonização do Brasil e nos demais países da América-Latina, se dá o modo de produção escravocrata que conhecemos e que foi o responsável por grandes acontecimentos de organizações e revoltas no território brasileiro, desde o período colonial, passando pelo Império e chegando no Pós-abolição.

Este trabalho pretende fazer um resgate histórico das primeiras organizações compostas e pensadas para a luta e reivindicações por direitos institucionais do povo preto, que após o fim do processo de escravização não teve nenhum tipo de reparação ou qualquer chance de poder conviver em sociedade sem carregar os rastros da escravidão e todo racismo que é a causa principal de toda violação dos direitos humanos constitucionais negados. Mas o que é e o que propõe o

Movimento Negro organizado? Quais eram as suas principais urgências de anos atrás e como influenciou e influencia as organizações atuantes nos dias de hoje, é necessário se questionar e buscar por meios que façam com que o sistema político, que tem uma base homogênea composta pela elite e conseqüentemente representam uma maioria de pessoas brancas que não tem as mesmas urgências e preocupações que envolvem a vida dos mais vulneráveis na sociedade, que são maioritariamente compostas por pessoas negras.

Essa pesquisa tem como ênfase o estado de Alagoas, sobre a inquietação de fazer um resgate de consciência histórica, como se dão as demandas políticas atuais e sobre a frente de como estão sendo tratadas as políticas públicas, a exemplo de novas conquistas como a lei de cotas implementada nos cursos de graduação e pós-graduação e também a distribuição de recursos iguais para candidaturas de pessoas negras na política.

O Instituto do Negro de Alagoas é uma organização não governamental composta por integrantes negros(as) que buscam promover serviços e melhorias para a comunidade negra. Além disso, se faz presente na mobilização política na busca por ações pensadas e pautadas na garantia de acessibilidade para a população negra do estado. Veremos através de pesquisa oral com um dos integrantes do INEG que vem se mobilizando nas lutas travadas pelo acesso e a garantia de direitos, sobretudo na defesa das ações afirmativas.

2. HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO CONTEMPORÂNEO

Para início de construção desse texto, acerca da História do Movimento Negro no Brasil, e estudos feitos sobre o assunto, levanta-se a questão de que a História do Brasil está atrelada significativamente a História de resistência e luta do povo negro. Sabemos que a construção da História do nosso País, partindo do modo positivista, se dá com a chegada dos portugueses em nossas terras, e o processo de ocupação. No que diz respeito a isto, é a partir de então, também, que se inicia, ainda que de forma subjetiva, a construção de uma História do Negro no Brasil. Desde o período colonial até a então república.

Podemos notar ao decorrer dos estudos da História que o movimento negro teve basicamente três fases desde a sua existência em âmbito nacional, a primeira

tendo o seu início nos anos de 1930 até o Estado Novo em 1937, a segunda fase ocorre no processo de redemocratização de 1940 até o Golpe Militar de 1964. E a terceira fase que é o do movimento negro contemporâneo a partir de 1970, que teve maior abrangimento após o processo de abertura política em 1974 (Pereira,2010, pag 89).

O primeiro movimento negro originado em 1930 é a FNB - Frente Negra Brasileira. O objetivo da frente, segundo seus estatutos, era promover a “união política e social da gente negra nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma em virtude de uma atividade moral e material no passado, e para a reivindicação dos seus direitos materiais e políticos atuais na comunhão brasileira”. A organização seria composta de negros de ambos os sexos, visando “à elevação moral, intelectual, artística, teórico-profissional e física e à assistência, à proteção e à defesa social, jurídica e econômica do trabalho da gente negra”.

A frente pleiteava também cargos eletivos de representação para os negros, tendo apresentado aos constituintes de 1933 reivindicações de igualdade de direitos. A partir da Frente Negra Brasileira surgiram outras organizações a exemplo do Teatro de Experimental Negro (TEN) fundado por Abdias Nascimento um dos principais nomes do movimento negro brasileiro com o intuito de valorização social do negro, e da cultura afro-brasileira por meio da educação e arte, bem como com a ambição de delinear um novo estilo dramático, com uma estética própria, não uma mera recriação do que se produzia em outros países. Sobre o Teatro Experimental do Negro, Dominguez diz que:

"O grupo foi um dos pioneiros a trazer para o país as propostas do movimento de negritude francesa, que, naquele instante, mobilizava a atenção do movimento negro internacional e que, posteriormente, serviu de base ideológica para a luta de libertação nacional dos países africanos. Com a instauração da ditadura militar em 1964, o TEN ficou moribundo, sendo praticamente extinto em 1968, quando seu principal dirigente, Abdias do Nascimento, partiu para o auto exílio nos Estados Unidos. Na avaliação de González, o TEN significou um grande avanço no processo de organização da comunidade negra" (Domingues, 2006 p. 110).

A criação do Teatro Experimental do Negro em 1944 foi um marco no que condiz a luta do Movimento Negro brasileiro. Abdias do Nascimento, juntamente com outras figuras importantes como Ruth de Souza contribuíram significativamente para a construção do movimento negro, ambos sendo referências nos estudos sobre o tema. Abdias em sua obra intitulada " O Genocídio do Negro Brasileiro" traz críticas ao processo de embranquecimento do negro e o mito da democracia racial no país.

"Situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante; durante a escravidão ele foi capitão-de-mato, feitor, usado noutras tarefas de confiança dos senhores, e, mais recentemente, o erigiram como um símbolo da nossa "democracia racial". Nele se concentraram as esperanças de conjurar a "ameaça racial" representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil. " (NASCIMENTO, 1978 p. 69)

Sobre essa observação feita pelo autor é possível fazer uma leitura de como ao colocar o negro em posições tais quais ocupassem um cargo de liderança ao lado de seu senhor, o escravizado passa a ter uma falsa sensação de pertencimento no mundo dos brancos, fazendo com que o negro passe a ser um inimigo do seu próprio povo, servindo assim aos interesses do seu opressor. Para além disso, a violência exercida contra mulheres escravizadas por seus senhores, colabora no processo romantizado de miscigenação, com o intuito de embranquecimento da sociedade brasileira, que está atrelado à problemática da democracia racial.

Em "*O Genocídio do Negro no Brasil*", Abdias descreve sobre o mito da democracia racial da seguinte forma.

"Devemos compreender "democracia racial" como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da "mancha negra"; da operatividade do "sincretismo"

religioso; à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária- manipulando todos esses métodos e recursos - a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada "democracia racial" que só concede aos negros um único "privilégio": I aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. A palavra - senha dêsse imperialismo da brancura, e do capitalismo que lhe é inerente, responde a apelidos bastardos como assimilação, aculturação, miscigenação; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes. (NASCIMENTO, 1978 p. 93)

O mito da democracia racial é um das problemáticas atuais debatidas dentro das organizações do movimento negro, de modo que sendo o racismo um problema real na sociedade, a prática aconteça por muitas vezes de forma velada faz com que haja a falsa sensação de igualdade social. A respeito dos estudos sobre raça, Silvio de Almeida em sua obra "*O que é Racismo Estrutural*" define o termo da raça da seguinte maneira:

"raça não é um termo estático seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas e que é utilizado. Por trás de toda raça sempre há contingências, conflito, poder e decisão. De tal sorte que se trata como um conceito relacional e histórico. Assim a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas." (ALMEIDA, 2018, pág 19)

O modo como o racismo de maneira enraizada se faz presente na sociedade, faz com que a memória do povo preto, seja propositalmente apagada, esse apagamento fica visivelmente explícito no modelo de educação que nos é apresentado nos espaços de ensino. Sobre esse assunto Abdias escreve que:

"O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro- elementar, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinados, como se se executasse o que havia predito a frase de Silvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos."

Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinados nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra". (NASCIMENTO, 1978 p. 95)

O papel do negro na sociedade foi construído através de uma escrita excludente, a fundação do TEN buscou mudar de forma progressiva dentro das possibilidades o modo de como o negro era visto dentro dos espaços sociais:

"O Teatro Experimental do Negro - TEN - iniciou sua tarefa histórica e revolucionária convocando para seus quadros pessoas originárias das classes mais sofridas pela discriminação: os favelados, as empregadas domésticas, os operários desqualificados, os frequentadores dos "terreiros" . Com essa riqueza humana, o TEN educou, formou e apresentou os primeiros intérpretes dramáticos da raça negra - atores e atrizes - do teatro brasileiro. Seguindo esta orientação, o TEN inspirou e estimulou a criação de uma literatura dramática baseada na experiência afro-brasileira, dando ao negro a oportunidade de surgir como personagem-herói, o que até então não se verificara, salvo os raros exemplos mencionados do negro como figura estereotipada, como ocorria nas peças Mãe, e Demônio Familiar. ambas de José de Alencar." (NASCIMENTO, 1978 p.129, 130)

Visando a valorização da comunidade negra, propondo um lugar em que o negro fosse incluso nos espaços culturais ocupados pela elite social, o TEN cumpre com o seu propósito inicial. Para Abdias:

"O TEN atuou sem descanso como um fermento provocativo, uma aventura da experimentação criativa, propondo caminhos inéditos ao futuro do negro, ao desenvolvimento da cultura brasileira. Para atingir esses objetivos o TEN se desdobrou em várias frentes: tanto denunciava as formas de racismo sutis e ostensivas, como resistia à opressão cultural da branquidade; procurou instalar mecanismos de apoio psicológico para que o negro pudesse dar um salto qualitativo para além do complexo de inferioridade a que uma típica complexidade de superioridade da sociedade que o condicionava . Foi assim que o TEN instaurou o processo dessa

revisão de conceitos e atitudes visando à liberdade espiritual e social da comunidade afro-brasileira. Processo que esta na sua etapa inicial, convocando a conjugação do esforço coletivo da presente e das futuras gerações do negro brasileiro". (NASCIMENTO 1978 , pág 131)

Partindo para o avanço na história do movimento negro surge a criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, que vai levantar o tema do mito da democracia racial, tema este pertinente até hoje na conjuntura atual. O MNU traz essa crítica, buscando a real inserção do negro em sociedade de forma direta, e a reavaliação do papel do negro dentro da História brasileira. Ou seja, o reconhecimento fundamental que o povo negro teve na construção da sociedade brasileira, mas que constantemente tem sua história e memória apagadas pela elite racista que governa o país desde sempre.

O MNU surge, então, como um movimento inovador de cunho revolucionário em comparação aos anteriores. Podemos destacar alguns fatos importantes levantados por este movimento como a Fundação Palmares e a nacionalização da data do 20 de novembro como dia nacional da consciência negra, que faz jus e homenagem ao falecimento de Zumbi dos Palmares. Data criada pelo Grupo Palmares em 1971 na cidade de Porto Alegre e consolidada em 4 de novembro de 1978, em assembleia ocorrida em Salvador, no estado da Bahia.

"A denúncia do mito da democracia racial como um elemento fundamental para a constituição do movimento a partir da década de 1970 pode ser observada por exemplo em todos os documentos do Movimento Negro Unificado - MNU criado em 1978 em São Paulo e contou com a participação de lideranças e militantes de organizações de vários estados desde a carta aberta a população divulgando no ato público do MNU realizado nas escadarias do teatro municipal de São Paulo em 7 de julho de 1978 podemos encontrar em todos os documentos a frase: por uma verdadeira democracia racial ou um autentica democracia racial" (PEREIRA p, 98).

Sabemos que um dos debates mais atuais dentro do movimento negro contemporâneo é o debate do mito da democracia racial, aonde se faz pertinente o combate ao racismo que foi e continua sendo o grande problema que afeta vidas

negras na nossa sociedade. A violência sistemática contra pessoas negras se faz presente no cotidiano, nas comunidades periféricas onde sua maioria é composta majoritariamente por pessoas negras (pretas e pardas). É evidente também que o fator da discriminação racial implica diretamente em todos os campos da vida social e profissional dessas pessoas, tendo em vista a divisão social do trabalho onde essas pessoas são submetidas a cargos inferiores e com pouca probabilidade de ascensão a cargos considerados destinados a pessoas com maior qualificação tendo em vista também as dificuldades enfrentadas por essas, a educação e consequentemente o acesso a pleitear cargos elevados dentro do sistema capitalista. Dentro desse embate há algumas dualidades acerca do assunto dentro do Movimento Negro. Vejamos:

A formação do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial que depois passou a se intitular apenas Movimento Negro Unificado - MNU, constava a ideia de que se vivia uma democracia racial brasileira, ideia que os militares adotaram na década 1970. Mas a questão racial não encontrava lugar nas organizações de esquerda para a maioria delas a desigualdade e o preconceito racial eram decorrentes da exploração da classe dominante no sistema capitalista. Para a esquerda, só a revolução socialista poderia aniquilar toda e qualquer desigualdade, por isso não fazia sentido uma luta específica contra o racismo. Ao eliminar a desigualdade social, automaticamente se eliminaria a desigualdade racial era assim que a maioria da esquerda pensava (Albuquerque e Fraga Filho, 2006 pág 290).

Silvio de Almeida, faz um debate extenso sobre o conceito de raça, o autor divide o racismo em três modos operacionais na sociedade, são eles, racismo individualista, racismo institucional e racismo estrutural. E desenvolve o conceito dessas, sendo a primeira a relação estabelecida entre racismo e subjetividade, a segunda entre a racismo e Estado e a terceira sobre racismo e economia (Almeida, 2018)

Nas palavras de Silvio conceituando essa divisão de aparato do racismo na sociedade, ele explica que:

“O racismo individualista “ é concebido como uma espécie de patologia um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo atribuídos a grupos isolados ou ainda uma irracionalidade a ser combatida do campo

jurídico por meio de aplicação de sanções cíveis indenizações por exemplo, ou penais, por isso a concepção individualista pode não admitir a existência do racismo, mas somente de preconceito a fim de ressaltar a natureza da psicologia do fenômeno em detrimento da sua natureza política” (ALMEIDA,2018 página 28)

Essa primeira análise feita por Silvio segue acompanhada de uma segunda forma de se analisar o racismo como sendo de caráter institucional sobre essa análise o autor explica que:

O racismo na concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob essa perspectiva o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere ainda que indiretamente desvantagens e privilégios a partir da raça. (ALMEIDA,2018 p,29)

Concluindo o pensamento sobre como explica essa divisão do estudo acerca do racismo na sociedade, Silvio nos responde sobre como o racismo é estrutural da seguinte forma:

Se é possível falar de um racismo institucional significa que de algum modo a imposição de regras padrões racistas por meio da instituição é de alguma maneira vinculada a ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua ação condicionada e uma estrutura social previamente existente com todos os conflitos que lhe são próprios, o racismo que essa instituição vem a expressar é também parte dessa mesma estrutura . As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo direto, as instituições são racistas porque a sociedade é racista “ (ALMEIDA, 2018 pág 36)

É importante pautar o debate sobre democracia racial dentro do movimento negro visto que esse se faz presente cotidianamente dentro e fora dos ciclos de convivência e espaços ocupados por pessoas negras na sociedade, aonde se faz necessário a autoafirmação de que esses espaços podem e devem ser tomados e ocupados por pessoas negras independente de qual seja a esfera ou função. Sobre isso podemos notar que essa é justamente uma das causas pautadas na

carta de lançamento do MNU sobre reivindicar o local do negro na sociedade. Vejamos:

Uma característica importante do movimento negro contemporâneo é a reivindicação pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil contida na carta de princípios do MNU. Essa foi a própria razão do surgimento de uma das primeiras organizações do movimento negro contemporâneo brasileiro, o Grupo Palmares. Este Grupo foi fundado por Oliveira Silveira, junto com outros militantes em 1971, em Porto Alegre, e teve como primeiro e principal objetivo propor o 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares em 1695 como a data a ser comemorada pela população negra, em substituição do 13 de maio (dia da abolição da escravidão) fato que engloba uma ampla discussão sobre a valorização da cultura política e identidade negras, provoca objetivamente uma revisão sobre o papel das populações negras na formação da sociedade brasileira, na medida em que se desloca propositalmente o protagonismo em relação ao processo de abolição para a esfera dos negros (tendo Zumbi como referência), recusando a imagem da princesa branca benevolente que teria redimido os escravos. O 13 de maio passou então a ser considerado pelo movimento negro como um dia nacional de denúncias a existência de racismo e discriminação em nossa sociedade (Pereira 2010, pág 99).

Dentro dessa análise feita sobre as reivindicações fica exposto a necessidade de uma História feita e contada a partir do povo preto para o povo preto. Visto que a História de toda sociedade é escrita e contada a partir de uma ótica eurocêntrica, excluindo assim a possibilidade de uma História escrita e feita a partir de uma perspectiva diferente dessa que vem sendo projetada e exposta como uma verdade absoluta dos fatos. Dentro desse contexto se faz necessário relembrar toda trajetória do negro antes e depois da abolição da escravidão no Brasil, ou melhor da famosa abolição de 1888, pois antes mesmo dos movimentos negros surgidos após a libertação o povo preto, ele sempre se organizou para lutar e reivindicar sua liberdade em todos os aspectos sociais, porém só após a abolição puderam se organizar e ocupar espaços no ambiente político nacional.

O Brasil trata-se de um lugar comum que nunca é demais repetir— foi o último país ocidental a abolir a escravidão, e não sem muita luta e pressão. Não se pode e não se deve separar a história da abolição no Brasil da história da abolição no mundo atlântico, iniciada praticamente um século

antes. A distância de cerca de um século a separar as lutas pela extinção do tráfico internacional de escravos na Inglaterra e a abolição em São Domingos, em fins do século XVIII, e a abolição no Brasil não se deve, contudo, a um atraso de adaptação do país aos tempos modernos. A escravidão brasileira e também a norte-americana e a cubana do século XIX foi, antes de tudo, criação e criadora da modernidade contemporânea do sistema-mundo dominado pelo advento do capitalismo industrial. Como tal, e assim como este, conviveu, desde seu despertar, com forte e crescente oposição social e mesmo contestação política' (SALLES, 2011 p. 259).

Sabemos que o fim da escravidão no Brasil não se deu de modo pacífico ou de bom grado, e não podemos deixar se interpretar de tal maneira. Pois, várias revoltas protagonizadas por povos escravizados e libertos, fazem parte da História do Brasil, assim como algumas das mais conhecidas, tais como A Revolta de Carrancas em 1833, A Revolta dos Malês de 1835, além da Revolta da Chibata de 1910 já no Pós-Abolição. Muitas outras poderiam ser citadas, mas não irei me debruçar de modo específico nesse texto sobre elas, pois não é este objetivo por hora, apenas estão sendo citadas para lembrar toda a história de resistência negra.

É de grande importância também se questionar sobre os interesses por trás da abolição ocorrida no País, como e por que se fez necessário a libertação dos escravizados, e como isso resultou na vida da sociedade brasileira que a partir de então passaria por mudanças sociais e principalmente econômicas, já que o modo de produção e todo modelo que sustentava a sociedade que era regida pelo sistema escravocrata seria abolido, se faz necessário mudanças nas relações de trabalho, passando então ao modelo vigente atual capitalista.

É necessário se fazer lembrar que, a abolição não significou melhores condições de vida ou a garantia de direitos para o povo preto, como se é de conhecimento universal, é evidente que as consequências de mais de três séculos de escravidão ainda se fazem presentes até os dias atuais, aonde o racismo estrutural, herdado de geração a geração continua perseguindo pessoas de cor, seja de maneira escancarada ou velada. As estruturas de opressão racistas se mantêm operantes na sociedade, por isso se faz necessário a presença de organizações do movimento negro atual que segue em luta por uma sociedade de direitos.

Ao longo dos anos, o movimento negro também se modificou no sentido de novas formas de se auto afirmar e elevar o debate tanto no meio político como no campo cultural, assim como a capoeira foi e continua sendo um símbolo de luta e resistência, atualmente podemos observar novos modos de manifestações culturais que se fazem presentes no combate antirracista e fazem parte de uma nova forma de protestar e denunciar o racismo na sociedade, a exemplo do Hip Hop que tomou conta das periferias sendo usado como mais um modo de combate a opressão. Sobre esse assunto um dos estudiosos sobre o movimento negro diz o seguinte:

Alguns elementos sinalizam que no início do terceiro milênio está se abrindo uma nova fase do movimento negro, com a entrada em cena do movimento hip-hop, por vários motivos. Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional, e é um movimento popular, que fala a linguagem da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais. Além disso, o hip hop expressa a rebeldia da juventude afrodescendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro, seus adeptos procuram resgatar a autoestima do negro, com campanhas do tipo: Negro Sim! Negro 100%, bem como difundem o estilo sonoro rap, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão cada vez mais, substituindo o uso do termo negro pelo preto (Domingues, 2006,p, 119).

É interessante perceber como o Movimento Negro no Brasil evoluiu e continua evoluindo, seja no debate e na construção de uma forma de fazer com que as pautas cheguem na base central da sociedade, fazendo com que o debate de democracia racial seja cada vez mais algo que seja questionado, e para que novos olhares e questionamentos sejam levantados, para que então haja uma conscientização pela sociedade e principalmente pelas pessoas negras que a compõe. Podemos perceber que, através de diferentes tipos de abordagens, seja pelo debate oral, ou por meio de manifestações culturais, é necessário fazer com que a problematização do assunto se faça presente constantemente nas camadas da sociedade, e não somente no meio acadêmico ou nas pautas políticas, onde na

maioria das vezes é um lugar de debate fora da realidade de muitos que precisam ter acesso e conscientização do problema.

Ainda dentro do contexto do debate político, é nítido que o problema estrutural do racismo nunca foi uma grande preocupação dentro desse espaço de poder, que sempre foi um espaço ocupado pela elite da sociedade, e em maioria por pessoas brancas onde o debate racial não se faz relevante para estes que sempre estiveram à frente do poder. O debate por políticas públicas voltados para pessoas pretas, sempre foi algo negligenciado, desde a abolição de 1888, que com ela nada foi feito para a reparação dos danos causados durante todo o período de escravização no Brasil. Sobre o papel do Movimento Negro na política, Gomes diz que:

Ao politizar a raça o Movimento Negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizada sobre os negros e sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção racial; coloca em xeque o mito da democracia racial.' (GOMES, pág 22).

Dessa forma, em resumo, é notável que para além de discussões feitas dentro dos ciclos e espaços sociais, é necessário que haja uma organização pensada e levada para o debate dentro das estruturas de poder. Que é algo que vem sendo feito pelo Movimento Negro contemporâneo, porém ainda existem diversas fronteiras a serem rompidas dentro das esferas política. Pois mesmo com os avanços e vivendo dentro de uma democracia, as estruturas que compõem as bases sociais do nosso país herdaram e continuam perpetuando o racismo assim como outros problemas sociais enfrentados ainda na sociedade. Estruturas essas que são voltadas para o massacre social de grupos sociais, sejam eles de origem social, racial e de gênero.

3. O MOVIMENTO NEGRO EM ALAGOAS E A ASSOCIAÇÃO CULTURAL ZUMBI DOS PALMARES

O estado de Alagoas é território de grande importância cultural e simbólica quando falamos sobre resistência negra pois foi e continua sendo berço de resistência, além de abarcar o espaço territorial da Serra da Barriga, local onde se

concentrou o maior centro de refúgio no período de colonização liderado por Zumbi: o Quilombo Zumbi dos Palmares, localizado na cidade de União dos Palmares e que se tornou-se patrimônio cultural (1985) que preserva e mantém viva a história de resistência negra no estado.

Em 1979 foi fundada a Associação Cultural Zumbi (ACZ), uma das organizações que tratava as questões do movimento negro em Alagoas, que leva o nome do maior símbolo de resistência da América Latina, e que teve e tem grande relevância quando falamos de Movimento Negro. Com grande participação no processo de tombamento da Serra da Barriga, a ACZ foi criada com o intuito de se fazer presente nas lutas do povo preto no estado de Alagoas, e era formada na grande maioria por professores universitários e da rede básica de ensino, entre outros integrantes. Segundo Jeferson Silva:

A atuação do movimento negro alagoano, em especial a Associação Cultural Zumbi, a abordagem da Serra da barriga seja no que concerne ao seu tombamento ou atividade a se desenvolverem naquele local, será uma constante. É nesse sentido que podemos observar a realização de atividades organizadas nos flancos da Serra da Barriga tais como corridas, caminhadas, dentre outras que vão cada vez mais consolidar esse espaço como símbolo representativo da negritude para o movimento negro nacional, e alagoano em particular[...] Todo esse processo, juntamente com os esforços de organizações do movimento negro em outros estados, fez com que a Serra da Barriga, localizada no atual município de União dos Palmares, Alagoas, fosse tombada como patrimônio histórico nacional em 1954 (SILVA 2008 p. 15).

Através de uma entrevista concedida por Zezito de Araújo, que foi um dos militantes e fundador da Associação Cultural Zumbi, podemos perceber que até o ano de 1980 dentro do estado de Alagoas, não existia a conscientização de uma organização em prol da causa do movimento negro. Só então, a partir de um evento organizado pela Universidade Federal de Alagoas e pelo projeto Rondon, onde seria discutido o processo de tombamento da Serra da Barriga, se fez despertar a necessidade de um debate feito por pessoas negras que representassem os interesses da comunidade e dos interesses pertinentes a este.

Nesta mesma entrevista concedida por Zezito ele fala sobre o processo de construção da ACZ e do processo de articulação e de como iria ser pensado um projeto voltado para chegar às comunidades.

Aqui em Alagoas, nada estava articulado como movimento. Você tinha as casas de terreiros de candomblé, os templos e as federações, mas grupos culturais não existiam. Foi a partir daí que nós pensamos na criação da Associação Cultural Zumbi. O que vai acontecer com o movimento negro em Alagoas? Os seus militantes tinham vínculo com o Estado. Eles não eram profissionais independentes, eram professores do Estado, da universidade, até porque a população alagoana naquela época, que na sua grande maioria era mais negra do que hoje, vivem na periferia, na miséria. Não tinha acesso a esses equipamentos, que poderiam ajudar em sua organização, e a miséria era muito mais presente do que o pensar na questão de ser negro. É tanto que, quando nós começamos o movimento aqui, a primeira coisa que a Associação Cultural Zumbi realizou foi ir às periferias conversar com o pessoal. Zezito, 21/03/2011.

A partir desse trecho da entrevista podemos também perceber a falta de representação da cultura negra do estado, quando falamos de representação simbólica em aspectos de costumes e valores que remetem a afirmação e valorização enquanto negro. O intuito da ACZ além de promover o debate racial, e o processo de criação de uma construção de negritude dentro do estado, para além dos debates feitos no âmbito acadêmico, se faz necessária a conscientização da comunidade negra para despertar na luta. A Associação Cultural Zumbi também foi responsável pela criação de futuras organizações no Estado, vindas depois dela. A exemplo no NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros) que se mantém atuante até os dias atuais. Sobre a perspectiva de um movimento negro e a criação da ACZ, Jeferson Siva em seu texto *Um movimento Negro em Alagoas: A Associação Cultural Zumbi* faz a seguinte provocação:

Parece-nos que no desenrolar da atuação do movimento negro alagoano, em especial a Associação Cultural Zumbi, a abordagem da Serra da Barriga, seja no que concerne ao seu tombamento ou a atividades a se

desenvolver naquele local, será uma constante naquele movimento. De tal forma que a preocupação em se chegar nas bases (periferia) do segmento afrodescendente, de forma a constituir verdadeiramente um movimento, vai ficando cada vez mais distante. Tal preocupação será substituída pela seguinte pergunta: “O que fazer com a Serra da Barriga?”. (SILVA, pág 4).

O questionamento parece ser uma preocupação do autor sobre o intuito de se fazer necessário um Movimento pensado para além da questão que estava posta naquele período sobre o tombamento da Serra da Barriga, mas também sobre a necessidade de fazer um debate nas comunidades sobre a questão racial. Completando a análise sobre o assunto ele reitera:

“Não se trata aqui de questionarmos a importância da Serra da Barriga em seu significado simbólico, enquanto legado da luta negra pela liberdade. Mas sim de abordar a atitude de um movimento que se pretendia “lutar contra todas as formas de discriminação do homem alagoano, principalmente do negro, integrando-o na sociedade brasileira” e “desenvolver, junto aos negros alagoanos, a busca da identidade negra e de seus valores culturais” (SILVA, p, 4).

No que se percebe da análise desse texto é uma dicotomia adotada pelo movimento sobre seu caráter cultural e político. A partir da interpretação feita de entrevistas realizadas por Silva com alguns integrantes da ACZ, um deles diz o seguinte sobre a questão do embate político: “Nós nos preocupamos em colocar um nome que não afrontasse os segmentos sociais de Alagoas”. (Zezito — 15/ 01/ 2003). Dessa forma o autor interpreta que:

Neste depoimento, podemos perceber evidências de um caráter integracionista que a Associação Cultural Zumbi incorporaria, de tal forma, que o nome da entidade deve ser encarado como consequência de sua prática política. Com isso podemos afirmar que aquela entidade levou o seu protesto até onde não incomodasse os segmentos diretamente beneficiados com a ordem racial vigente. Tal caracterização

se deu sob o privilegiamento de uma postura de afirmação da cultura negra em detrimento de uma prática política reivindicatória. (Silva, pág 6)

Ou seja, havia uma preocupação sobre qual postura a associação adotaria e até onde o discurso chegaria, e como seria visto pelas camadas de poder que constituíam o Estado na época. Visto que a organização não temia um embate nitidamente político.

Embora a Associação Cultural Zumbi tivesse um discurso coerente, isso não seria o suficiente para evitar a primeira cisão sofrida pela entidade. A mesma ocorreria por volta de 1984 onde alguns de seus membros sairiam da organização formando o grupo Filhos de Zumbi, que duraria cerca de dois anos. Um dos motivos da dissidência seria o fato de que a ACZ não teria uma política para se chegar à base da população afrodescendente do Estado, como diz um dos militantes dissidentes, acrescentando ainda que as discussões ocorridas na Associação Cultural Zumbi ficaram muito concentradas na abordagem da Serra da Barriga (SILVA, p, 8).

Podemos perceber que a formação da organização da Associação Cultural Zumbi, sofreu com a questão da demanda de quais pautas abordar e até onde se poderia chegar com as abordagens político-sociais. Talvez por receio de como se fazer firmar dentro dos espaços de poder, talvez por ter sido criada de início com uma abordagem singular e um único possível tema pautado, que foi o tombamento da Serra da Barriga. A questão cultural, porém, ficou a deriva quando se era abordado sobre outras demandas que também se faziam necessárias sobre a temática do Movimento Negro.

A Associação Cultural Zumbi, enquanto uma das primeiras entidades do movimento negro alagoano, pôde discutir e inserir no Estado a preocupação com a comunidade afro-alagoana enquanto particularidade de uma população. Tal empreendimento se deu de forma a privilegiar a

afirmação cultural da luta negra em detrimento de uma postura política reivindicatória, o que evidencia uma prática política limitada naquela Associação. A consequência dessa situação é a despolitização da luta negra, ficando está reduzida à afirmação do ser negro, embora tal fator seja importante, desde que não se constitua em um fim. Este, seria a efetivação (proposição) de políticas públicas que venham de fato a colocar o afrodescendente na condição de cidadão brasileiro”. (SILVA, p,10).

A ACZ foi uma das primeiras, se não a primeira, constituição de um corpo coletivo pensado para a construção de novas perspectivas de enaltecer as lutas e a cultura do povo preto no Estado. Tendo contribuído historicamente para o tombamento da Serra da Barriga, que é um símbolo de luta e resistência, se tornando patrimônio histórico material para o Estado de Alagoas, a Associação Cultural Zumbi, não perdurou por muito tempo como agente combativo na luta pela emancipação e políticas públicas voltadas para a comunidade negra do Estado. Visto que suas pautas ficaram focadas dentro do debate cultural, como o próprio nome da instituição carregava em si, mas isto não diminui o papel que a organização assumiu naquela época. O que fica evidente é que por divergências internas por parte de seus membros a organização acabou rachando ao meio e assim depois sendo dissolvida. Mas suas contribuições se fazem grandiosas e sua trajetória se fazem presentes quando se fala de atuação de Movimento Negro em Alagoas.

4. O INSTITUTO DO NEGRO DE ALAGOAS – INEG ORIGEM E FORMAÇÃO

Os estudos feitos sobre Movimentos sociais até aqui nos mostram que a partir da urgência ou necessidade de se requerer ou solucionar um problema social, se faz necessário a construção de uma organização pautada nas causas a serem questionadas aos poderes públicos constitucionais. E assim é se dado à criação de organizações tais como sindicatos, fóruns de combate a determinadas pautas, até partidos políticos e outros setores de manifestações sociais. Assim como se faz

também necessário que estes sejam de caráter reivindicatório, é preciso que sejam vistos dentro dos espaços de poder para que tenham um respaldo que precisam.

O Instituto do Negro de Alagoas nasce a partir da formação de núcleos de estudos juntamente com o intuito da criação de entidade que buscasse de fato debater e pautar as reais demandas da comunidade negra, dentro do estado de Alagoas. A partir de informações colhidas em entrevista com um dos membros fundadores do Instituto, buscou-se entender quais eram e são os pilares que fizeram com que o INEG se constituísse enquanto organização combatente dentro do estado visando a importância de se fazer ações concretas de valorização e promoção da comunidade negra.

Além disso, buscaremos respostas para questões nas quais o Instituto busca firmar e estabelecer as demandas necessárias dentro da necessidade e da realidade da comunidade negra Alagoana. Sobre a origem do Instituto, Jeferson Silva, atual coordenador do Instituto do Negro de Alagoas, diz que:

“inicialmente a gente começa com um grupo de estudos do Negro em Alagoas, então era eu, Davi, também estudante de História, o Davi e Elier, o Sergio das Ciências Sociais e o Denis, e só, basicamente a gente, eai eu chamei os irmãos e pensei vamos constituir um grupo de estudos e eles falaram bora, só que não dar pra ficar só no grupo de estudos, dificilmente ficaria só no grupo de estudos, e a gente pensou, vamos construir uma organização mesmo porque a gente precisa tinha muita coisa para ser feita do ponto de vista político e políticas públicas, tinha e tem ainda, né? e ninguém tava fazendo nada, eu olhava para aquilo ali e não acreditava, enfim, eu dizia vamos se constituir enquanto organização e sair desse lance só dos estudos que eu acho que foi mais uma deixa, pra chamar mais irmãos e constituir a organização. E ai o INEG nasce em 2010 / 2011 e com essa proposta de dar uma guinada sobre o debate negro aqui no estado, em Alagoas.” SILVA 08/09/2022

A partir da entrevista realizada com Jeferson Silva membro integrante do Instituto do Negro de Alagoas o mesmo faz uma crítica sobre como se foi dado o debate racial no estado de Alagoas e como ele é repassado de forma culturalista nas narrativas do campo da História do Negro no Brasil. Tratando apenas das questões culturais que envolvem o negro. Deixando de lado o debate sobre o

racismo, que é o conjunto que envolve a necessidade de se fazer o debate racial dentro e fora dos espaços educacionais.

Foi justamente com essa visão, antes mesmo de fundar o Instituto do Negro de Alagoas, que Jeferson fez parte da organização Cepa quilombo que atuou dentro do Movimento Negro Alagoano, já com ideias que elevassem o debate racial dentro dos coletivos de luta. Sobre a constituição do Cepa Quilombo, SILVA nos conta em relato colhido a narrativa que:

“Eu, Sirlene e Pedro éramos militantes negros e a gente tinha uma visão política mais ampliada de conjuntura desse ponto de vista de segmento de uma política mais reivindicatória coisas que a gente percebia que as organizações negras em Alagoas não tinham. As organizações eram mais percussivas as bandas afro e agente sempre se perguntou, e o debate sobre políticas públicas? A gente tem que avançar nisso aqui, e o debate político mesmo, sobre o nosso povo. Então a gente percebendo isso essa deficiência como a gente lia o movimento negro na época, a gente decidiu construir essa organização [...]” (Jeferson 08/09/2022)

Nas falas de Jefferson Silva é notório que há uma preocupação frente como seria tratado o debate racial dentro das organizações, visto que, quando se pensava em falar de movimento negro, apenas era focado na valorização cultural da História do negro, dentro do contexto de apresentações culturais, e sobre ações sobre o vinte de novembro, onde se é feito visitas a Serra da barriga e celebrado o dia da consciência negra. Entretanto, essas ações de caráter cultural, já não se faziam suficientes na abordagem que se faz necessário quando se é levantado as questões sociais perante a causa colocada em questão, é necessário sair do modo abstrato ou imaginário do que se é pensado a consciência negra. Sobre essa problemática das celebrações do dia da consciência negra, Silva salienta em uma de suas falas sobre o assunto da seguinte forma:

“chega um momento que não havia debate político no movimento negro, dentro das organizações negras o debate ficava muito restrito ao 20 de novembro onde os grupos se mobilizam em torno dessa data querendo saber quem ia se apresentar, quem ia fazer apresentação na Serra, o debate era muito isso. E o debate não pode ficar nisso aí, a gente via dessa forma, e decidimos pleitear a eleição do CENAL e a gente consegue, e muda o nome pra FENAL. Fórum de Entidades Negras de Alagoas, a gente acreditava que dava um caráter maior de fórum, de maior amplitude, aí a gente já começa a pautar reivindicação para o governo do estado, lançar candidatura própria nossa as eleições da época, que foi a Sirlene nossa candidata não me lembro as eleições de que ano, mas enfim. Foi pelo PT mas é isso, a gente percebia que o movimento precisava dar uma guinada que até então era resistente, a maioria das organizações negras dizia que não, que o FENAL tinha que ser uma entidade como um órgão que iria ajudar eles a fazer apresentações ser um articulador de apresentações e de melhorias pra os grupos, era algo muito pequeno, a gente trouxe o que seria na verdade a gente trouxe o que seria algo considerado mesmo o que seria o Movimento Negro, uma política negra, porque muitos deles olhavam pra o FENAL como uma entidade que vai dialogar, ser um intermediário junto aos Órgãos do governo pra bancar alguma apresentação aqui ou acolá e a gente vem e quebra isso, pelo menos tenta quebrar isso”. JEFERSON 08/09/2022

O autor faz algumas análises importantes na sua tese intitulada “*Cultura negra em Alagoas: uma construção de negritude*.” Aqui é feita uma análise de como as organizações culturais e religiosas, a exemplo de bandas afro, e terreiros de candomblé que fazem o uso das ações culturais como forma de luta dentro do movimento negro.

“Nesse contexto, desta vez impulsionado pela explosão dos blocos afros em Salvador na década de 1970, teríamos o surgimento de bandas de percussão afro que buscavam por meio da musicalidade, resgatar a cultura negra com apresentações espalhadas pelos bairros periféricos de capital alagoana bem como da cidade de União dos Palmares. Por muito tempo, estas bandas

seriam a representação maior do movimento negro em Alagoas, não só no que diz respeito à verbalização da cultura negra como também à formação de quadros para o movimento” (SILVA, Pag16).

O contexto na qual as manifestações culturais estão atreladas à conjuntura de ações do movimento é bastante evidente nos estudos feitos sobre o tema. Visto que há muito tempo, essas manifestações foram censuradas, e até consideradas crime de vadiagem no pós-abolição. Devido às repressões sofridas durante todos esses anos, hoje, toda forma de representação da cultura afro é considerada uma forma de resistência. Sobre os grupos culturais estabelecidos no estado de Alagoas e suas contribuições na História do Movimento Negro, Silva diz que:

“Nesse processo, percebemos uma coexistência entre o passado e o presente nas representações negras alagoanas. De forma que a dança afro-primitiva ocuparia o espaço do passado longínquo – não obstante o mesmo ser ressignificado no presente, os grupos percussivos como sendo o que nós teríamos de intermediário e, mais recentemente, as entidades que possuem um caráter mais político-reivindicatório na sua prática política” (SILVA pág 20).

As ações políticas e as tentativas de promover as pautas do negro, são um incessante trabalho, visto que quando o sentido político de reivindicar traz cobranças que promovam de fato leis de amparo social como a ocupação de pessoas nos espaços de mercado de trabalho nas diversas vertentes, muitas vezes esses espaços lhe são negados. Sobre as dificuldades enfrentadas pelo INEG, podemos ver que, na entrevista, Silva reafirma a posição de buscar a reivindicação de políticas inclusivas propostas

“A gente sempre foi propositivo, o INEG é assim eu acho que o que diferencia a gente também no diálogo com outros, é que o INEG nunca foi uma organização panfletária, com todo respeito, essa fala panfletária não é pejorativa, mas é tipo assim, existem organizações que ficam só fazendo esse lance, o que é importante também, a agitação política principalmente quando elas tem vínculo com partidos tradicionais de esquerda, mas o INEG ele sempre foi propositivo em políticas públicas, então quando a gente chega para dialogar com algum gestor, a gente chega com proposta. A gente não chega pra dizer: olha, por que vocês não fazem um debate? Não interessa o debate, a gente já chega com uma proposta, o debate já tem sido feito, a gente quer que a instituição tenha responsabilidade e a gente gostaria que ela fizesse isso aqui. Então a gente sempre foi muito objetivo nesse sentido,” Jeferson 08/09/2022

Para além do que se imagina quando pensamos em ações concretas promovidas em defesa do Movimento Negro, fugindo do discurso tradicional de que somos todos iguais e vivemos uma democracia racial é preciso pôr em evidência que esse discurso não representa e não condiz com a conduta social brasileira, visto que o peso de uma sociedade que foi construída na base de uma colonização não somente territorial mas também humana, de povos originários e pretos, o país é uma construção feita atrelada ao racismo, onde esse racismo estrutural se perdura cotidianamente na vida dos homens e mulheres de cor. Sendo assim, não existe uma democracia racial dentro da sociedade, por mais que não vivamos sobre o sistema escravocrata, os reflexos da estrutura racial em que o corpo civil foi desenvolvido, reflete diretamente até hoje nas estruturas de classe e de poder. Sendo esse um dos grandes problemas enfrentados, o INEG busca de forma objetiva pautar assim uma ampliação onde a comunidade negra seja inserida nesses espaços:

“Essa objetividade representa meio que um repartir o recurso, colocar o dedo na ferida e isso incomoda, isso incomodava e eles não viam dessa forma. para eles falar de negro é falar de capoeira, de jogar capoeira, de folclore, meio que o que vocês estão fazendo aqui com esse debate de querer propor alguma coisa específica para a população negra, então eu acho que isso dá um susto nos gestores, saca? incomoda muito a eles, porque isso é um pulo, é um salto muito grande você sair de estado que nunca discutiu relações raciais, e ai eu me refiro a questão teórica mesmo, da literatura , é um estado com forte tradição no folclore, na folclorização do negro, aonde falar em negro é falar de capoeira, em uma perspectiva culturalista, e ai de repente chega um grupo aqui querendo colocar o negro na condição e na categoria de um segmento que tem uma pauta de reivindicação, que vive uma realidade específica e que merece uma política específica, então isso foi um desafio e tem sido, um desafio nosso, porque nós somos a primeira organização que tem uma postura dessa forma aqui no Estado, considerando o contexto, naturalmente... A época do Zezito é a época de sensibilização das instituições, do Estado e do poder. E hoje o INEG está num local de reivindicação dos direitos, já de propor política pública, da promoção da população negra, enfim...”[...] Jeferson 08/09/22

A atuação dentro da política é a forma mais eficaz de organizações de movimentos sociais serem vistos e ouvidos para terem o respaldo necessário específico dentro das suas necessidades coletivas. Para além do viés político, o Instituto do Negro de Alagoas atua também junto com o órgão legislativo do estado, visto que o instituto é composto por um corpo de advogados(as) negros(as) e que

também se fazem presentes na Comissão de Igualdade Racial da OAB em Alagoas. Além da atuação dentro do legislativo o INEG busca promover ações que envolvem a inserção de jovens negros dentro e fora dos espaços privados e públicos, promover formação política e desenvolver estudos voltados a questão negra.

O Instituto do negro de Alagoas também teve participação na pauta da implementação das cotas na pós-graduação da UFAL, participando ativamente dos debates junto a reitoria e ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI). Em artigo publicado na revista Escritas da História com o tema: “Movimento Negro, O NEABI/UFAL e Implementação do Programa de Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Alagoas”, os atuais coordenadores do NEABI nos relatam que:

“Em 2003, o NEABI coloca a UFAL como uma das três instituições pioneiras no desenvolvimento das ações afirmativas universitárias, liderando a implantação do sistema de cotas raciais no vestibular. Visando “desencadear um processo produtivo de identidades que superem os problemas advindos do racismo presente na sociedade brasileira” e possibilitando a “construção de uma universidade plural, pública e efetivamente democrática” (UFAL, 2003), o Programa de Políticas de Ações Afirmativas (PAAF) da UFAL foi constituído por um conjunto de ações que tinham como objetivo eliminar desigualdades sociais históricas” (Marques e Correia, 2022 pág. 36).

É a partir de ações como o Projeto de Ações Afirmativas que pleiteavam a implementação de uma política voltada para ampliar o acesso de pessoas pretas dentro da universidade que o Movimento Negro se faz presente dentro do espaço educacional fazendo com que a educação seja acessível para a classe trabalhadora que em sua maioria é composta pela população negra.

“O Programa de Políticas de Ações Afirmativas (PAAF) da UFAL, idealizado pelo professor Moisés Santana, foi aprovado pelo Conselho Universitário (CONSUNI), em 2003, com a participação da sociedade civil e organizações não governamentais, além da sociedade acadêmica (docentes, discentes e técnicos). O PAAF era composto por quatro subprogramas: (a) Políticas de

Cotas; (b) Políticas de Acesso e Permanência; (c) Políticas Curriculares e de Formação de Professores e (d) Políticas de Produção de Conhecimento. O PAAF/UFAL estabeleceu, a partir de 2004/2005 uma cota de 20% (vinte por cento) das vagas dos cursos de graduação para os candidatos que se autodeclararam negros (pretos ou pardos), conforme classificação do IBGE e que eram oriundos exclusivamente de escolas de Ensino Médio públicas. Dentro desse percentual, destacamos a distribuição de 60% para as mulheres e 40% para homens, tornando-se a única universidade brasileira a estabelecer o recorte de gênero à época (Marques e Correia, 2022 pág 36).

É importante ressaltar que a luta pela implementação da lei de cotas na educação, é uma luta coletiva do movimento negro brasileiro desde a década de 1990 onde organizações do mesmo levaram a pauta para o meio político já pautando políticas públicas dentro das universidades visando uma ampliação nas oportunidades geradas para a população preta, que por estar inserida em um contexto histórico e social de vulnerabilidade se encontra em disparidade na caminhada pela inserção das mesmas nos espaços sociais que sempre foram dominados e ocupados pela elite da sociedade. Ainda sobre o programa de políticas afirmativas é importante salientar que:

“Com a aprovação da Lei de Cotas em 2012, o PAAF/UFAL permaneceu, mas sofreu algumas modificações, pois os alunos provenientes das redes públicas de ensino poderiam: (a) fazer o ENEM por ser de escola pública, ter estudado no mínimo os três últimos anos na instituição e se autodeclarar preto ou pardo; (b) ter feito todo o ensino fundamental e médio na escola pública; (c) ter estudado na escola pública e ter uma renda inferior ou igual a um salário e meio como renda familiar. Também ocorreu a entrada de estudantes indígenas, os quais deveriam apresentar declaração emitida pela FUNAI” (Marques & Correia, 2022 pág 39).

O Instituto do Negro em Alagoas contribuiu na construção e no debate da criação das cotas na pós-graduação na UFAL que foi implantado em 2018, mas que já era assunto debatido dentro do INEG, desde 2013 como é possível constatar

através em um manifesto publicado no site oficial o manifesto sobre as cotas na pós-graduação. Sobre o mesmo o Instituto escreve que:

O debate que aborda o acesso de negros e negras aos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), traz consigo, em sua essência, a necessidade urgente da formação de quadros de professores universitários negros que venham a ocupar as cátedras docentes não apenas da referida Universidade, mas também o de suas congêneres no estado de Alagoas. Se quisermos ir mais além, o que está em jogo é o crescimento das instituições acadêmicas enquanto tais, na medida em que a presença do negro e do indígena (agora como docentes) propiciará uma maior diversidade na produção acadêmica, assim como também na abordagem da mesma, entendendo essa última como práticas diferenciadas no fazer acadêmico, advindas de experiências de vida igualmente diversa. Perceba que nosso debate não foge do que se tem chamado de acadêmico. Muito pelo contrário, pretende enriquecê-lo, na medida em que propõe o incremento de estudos de problemas sociais a serem discutidos por meio de “novos” agentes questionadores. Universidades no mundo inteiro adotam e estimulam um perfil multiétnico em seu quadro discente e docente de forma deliberada, pois compreendem que, em não fazendo isso, estariam contribuindo para o empobrecimento de suas instituições. Os espaços acadêmicos não devem ser mais tratados como patrimônio de “a” ou “b”, e sim espaço por excelência de problematização e discussão de questões que estão presentes em nossa sociedade. É nesse sentido que o Instituto do Negro de Alagoas iniciou o debate de tal questão no interior da UFAL, visando a promoção do negro nos espaços acadêmicos, o que por sua vez, leva ao crescimento da acadêmica enquanto instituição” (INSTITUTO DO NEGRO DE ALAGOAS, 2013).

No manifesto é notório a preocupação do INEG em pôr em prática a política de cotas na pós graduação, a lei já era vigente no sistema de seleção unificada SISU, mas para o INEG, a mesma também se faz necessária no decorrer do processo de especialização na educação superior de ensino público, visto que o espaço acadêmico vai além da graduação. É necessário também que as cotas sejam pautadas para uma representação docente diversa e representativa. Sobre a

atuação do INEG na implementação das cotas na pós, Jeferson relata um pouco de como se deu a discussão da seguinte forma:

“Então a gente começa inicia em História, o departamento de História que é o primeiro programa que a gente vai dialogar sobre essa proposta, a gente vai se apoiar numa normativa do Mercadante (ex- ministro da casa civil) que ele já havia instituído no governo Dilma na época que foi Ministro da educação e a gente falou vamos fomentar o debate sobre cotas na pós, era algo relativamente novo, eu acho que tinha uns cinco programas no país na época, quando a gente fez, uns cinco ou quatro, e a gente falou vamos começar a discussão em História aproveitando os professores recém egressos, mais progressistas , aquela galera mais velha tinha saído já, e tinha lá a professora Irinéia, um camarada que estava mas saiu, enfim.. E a gente pensou vamos fazer o debate com o colegiado, a gente vai pra reunião, todo nós, eu, Sergio, Elier, Davi... A gente vai e propõe, a gente pega alguns exemplos de propostas e de programas no país, a gente elabora e apresenta no colegiado, e o colegiado aprova, para a nossa felicidade, isso em 2013, então em 2014 eu acho que inicia a primeira turma com cotas no mestrado em História” Jeferson 08/09/2022

Nessa parte do depoimento percebe-se que antes da aprovação das cotas na pós em aparato total, as mesmas já tinham sido adotadas de maneira isolada no curso de pós-graduação em História, tendo sido feito aprovado pelo colegiado em 2013, sendo depois expandido para o âmbito total da universidade. Dando continuidade sobre o projeto de expansão das cotas, Jeferson continua dizendo que:

“Eu acho que a Universidade por ser um espaço que o debate estava sendo feito nacionalmente então pra gente de certa forma era mais tranquilo já tinham iniciativas em outros Estados, então a gente pensou, vamos tocar isso também aqui, já que a gente tem exemplos, então vamos tocar aqui, mas a gente nunca teve por objetivo focar na Universidade, mas aí a gente faz esse debate em 2013/2014 no mestrado em História da UFAL, e só depois que a gente vai retomar, então a gente decide chamar o NEAB para o diálogo, a gente então chama a Lígia para uma reunião no INEG não me lembro bem quando, entre 2018 /2017 então ela vai e a gente apresenta uma série de coisas, de pautas, umas cinco pautas talvez, e a gente fala pra ela ‘ Olha Ligia o NEAB tem que tocar isso aqui no interior da Universidade”

ela concorda e aí começam as reuniões para constituir a comissão que vai preparar a proposta para todos os programas da Universidade e tal, até que essa comissão é oficializada pela reitoria e aí acaba com a aprovação da resolução em 2018..Dentro desse debate puxa outro , a nossa proposta inicialmente era de que a nota de corte dos cotistas fosse menor, isso foi uma coisa que a gente bancou nas reuniões da comissão, a gente não abria mão disso, e a gente conseguiu fazer com que isso passasse, por que pra gente não fazia sentido, o cotista ele tem que ter uma nota de corte menor seja na pós ou na graduação e pra gente isso era importante, e a gente consegue fazer com essa característica”.

Sabemos que a lei de cotas 12.711, sancionada em 2012, foi um enorme avanço para propiciar o acesso de pretos, pardos e indígenas nos espaços de ensino superior na universidade pública, e por meio dela abriu-se os caminhos para uma universidade diversificada, porém a permanência dentro do espaço universitário é outra luta travada pelo estudante pertencente à classe trabalhadora, que precisa trabalhar e estudar, por isso não só basta fazer com que o estudante adentre a Universidade, mas também se faz necessário o desenvolvimento de mecanismos por meio da assistência estudantil para que o estudante egresso consiga permanecer dentro do ambiente acadêmico.

É sobre essas demandas que ainda são um grande muro no caminho para o desenvolvimento intelectual, que o negro enfrenta para poder ter acesso a Universidade e outros espaços sociais, que o instituto do negro de Alagoas se faz presente no Movimento Negro, juntamente com as demais organizações sociais, entre alguns a exemplo do ANAJO, a ANU... Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena da UFAL, entre outras organizações que pensam e discutem pautas voltadas para melhores condições sociais promovidas para o bem-estar da população negra em Alagoas. Quando perguntado sobre como o INEG, atualmente, vem atuando no meio político, para o desenvolvimento de leis que ampliam os direitos da comunidade negra no Estado, Jeferson Silva, relata:

“Então é bem diverso, por que a gente se ver sinceramente assim, como tendo que dar conta de tudo isso, porque eu vejo que muitas organizações negras parecem que pararam no tempo sendo sincero. E nós temos que

avançar, o debate é importante, as dinâmicas são importantes e tal, mas a gente tem que discutir política pública, não dá pra ficar só fazendo discussãozinha e debatezinho, entendeu? a gente tem que avançar, e a gente se ver com uma série de demandas, que se a gente não fizer, não vai, não sai daqui de Alagoas e aí é isso debate em todas as esferas, a gente tem investido na esfera jurídica como vocês tem percebido, na advocacia porque é uma esfera que a gente pode ter ganhos, ganhos consideráveis, que o movimento historicamente não tem isso como prática, e a gente tem conseguido alcançar uma juventude advogada legal, assim, fico feliz por isso, a ideia nossa na verdade é não só lida com a advocacia mas com todas as áreas do conhecimento, com todas as categorias profissionais, a ideia nossa é constituir núcleos negros em todas as categorias profissionais sejam advogados, professores, enfermeiros... Enfim, arquitetos, assistente social por que a gente entende que tem o entendimento de que a gente precisa constituir organizações negras, é um dos debates que o INEG traz também da necessidade da gente constituir organizações negras, quando a gente impulsiona a criação da ANU (Associação de Negros e Negras) na UFAL, a gente insiste muito nesse debate, porque a gente sabe que os estudantes negros precisam se organizar enquanto tal, com base na raça, sem que isso seja um simples núcleo dentro de um DCE ou de um sindicato.” (Jeferson 08/09/2022).

Uma das pautas recentes trabalhadas pelo INEG vem sendo a questão da implementação das cotas no Instituto Federal de Alagoas- IFAL. Jeferson diz que: “A gente quer fazer o debate junto agora com o pessoal do IFAL sobre as bancas, por que o IFAL não tem banca de heteroidentificação, só na pós graduação que tem, pra concurso, mas não tem para os alunos, então estou começando a discutir sobre isso com o pessoal do NEAB como é que a gente pode pressionar a instituição para fazer isso acontecer, mas o INEG tem trabalhado muito por demandas, as demandas aparecem e a gente vai pleiteando e debatendo.”

É com esse intuito de levar não somente o debate para dentro das organizações do Movimento Negro, mas também fazer com que as reivindicações sejam acolhidas e postas em prática que o INEG, vem se organizando e tomando o protagonismo nas ações sociais dentro do estado. O instituto se faz presente tanto nos espaços educacionais seja no ensino básico até o ensino superior, nas ações de valorização da cultura negra, assim como nas camadas do poder público, ocupando

e reivindicando os direitos constitucionais que assegurem melhorias para a comunidade alagoana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da historiografia feita no contexto de uma sociedade que foi construída por mãos negras mas escrita por mãos brancas, a História do movimento negro, desde a formação da Frente Negra Brasileira até as organizações atuais, se encontram em um constante embate dentro das amarras racistas no qual foi fundada a sociedade brasileira.

A formação social do Brasil se deu a partir da violência derivada do conceito de raça humana. Devido às estruturas que formaram o caráter civil da sociedade, o racismo segue presente de maneira hereditária. O processo de tomada de consciência, de que vivemos em uma sociedade que é estruturalmente fomentada na opressão racial, ser negro é carregar consigo uma trajetória de resistência.

O modo como as estruturas sociais foram estabelecidas a partir da violência promovida na mente e nos corpos negros provocou desigualdades sociais que impactaram gerações de negros e negras ao longo da história, por mais que a libertação tenha ocorrido, o racismo estrutural segue sendo uma máquina de regresso na sociedade, sendo assim se faz necessário que a denúncia do mito da democracia racial seja constante. Tendo em vista que as estruturas se mantêm racistas.

Reconhecer o racismo como um problema social, é apenas um dos primeiros passos para que sejam pensadas políticas de combate ao mesmo. Essas ações são necessárias tendo em vista que se trata da preservação da memória e cultura de uma nação. Nas palavras de Lelia Gonzales, não basta não ser racista, é preciso ser anti-racista. Desse modo reconhecer a luta antirracista se faz necessário para que possamos viver em plenitude dentro de uma organização de sociedade que nos condiciona a um lugar de não pertencimento nas esferas de poder. Por estes motivos as instituições voltadas para a comunidade negra se fazem necessárias para fazer com que o negro ocupe os espaços que lhe foram negados e que os

pertencem por direito. É preciso ocuparmos os espaços de poder e de representação social, para que possamos escrever a História a partir das nossas próprias mãos.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAÚJO, Zezito. O movimento Negro em Alagoas: Militância e história.[Entrevista cedida a] Irinéia M. Franco. **Sankofa: revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, São Paulo**, v. 4, n. 7, p. 107-114, 2011.

BEZERRA GOMES, Sara Angélica. Movimento Negro em Alagoas. **Antíteses**, v. 13, n. 26, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, p. 100-122, 2007.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO ORGANIZADO E SUAS ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DO RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA (1931-2003). **LEOPOLDIANUM**, v. 45, n. 125, pág. 18-18, 2019.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. **Editora Vozes Limitada**, 2019.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, p. 463-479, 2018.

MARQUES, Danilo Luiz; DA SILVA CORREIA, Rosa Lúcia Lima. O Movimento Negro, o NEABI/UFAL e a implementação do Programa de Políticas de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Alagoas (2003-2022). **Escritas do Tempo**, v. 4, n. 10, p. 23-45, 2022.

MELO, Thalita Carla LIMA et al. NOTAS SOBRE O MOVIMENTO NEGRO EM ALAGOAS: O OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 3, n. 1, p. 47-64, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro processo de um racismo mascarado: processo de um racismo mascarado**. Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, Amílcar Araújo et al. " O mundo negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010.

SALLES, Ricardo. Abolição no Brasil: resistência escrava, intelectuais e política (1870-1888). **Revista de Indias**, v. 71, n. 251, p. 259-284, 2011.

SILVA, Iraneide Soares da CAMINHOS, PEGADAS E MEMÓRIAS: uma história social do movimento negro brasileiro. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 14, n. 1, 2016.

SILVA, Jeferson Santos. Um movimento negro em Alagoas: a Associação Cultural Zumbi in. **Kulé-Kulé II: Visibilidades Negras. Maceió: Edufal**, p. 96-105, 2006..

SILVA, Jeferson Santos da et al. Cultura negra em Alagoas: uma construção de negritude. 2008.

SILVA, Jeferson Santos da, em entrevista sobre **a origem e formação do INEG**, gravação de vídeo chamada, feita por Riquelly Silva, em oito de Set, 2022 Maceió-AL , a entrevista na íntegra se encontra no apêndice desta monografia .

7. APÊNDICE

Transcrição da entrevista realizada com Jeferson Santos da Silva realizada no dia 8 de setembro de 2022 na Universidade Federal de Alagoas.

R.S Então Jeferson gostaria de saber um pouco sobre a sua trajetória enquanto negro e como se dá o seu processo de entrada ingresso no movimento negro.

J.S: Como eu me constitui, enquanto negro eu consigo ver isso hoje, naturalmente com o passar do tempo.eu retorno ao meu colegiado, sétima serie o que seria hoje o oitavo ano. final do primeiro grau, início do segundo grau, e com passar do tempo eu vejo algumas coisas pela qual eu passei e acabo percebendo como eu fui me constituindo na questão negra, pra você ter uma ideia nas aulas de inglês o professor ele cantava uma música do Paul McCartney, certamente vocês conhecem, que se chama Ébano e o Marfim ... Jefferson canta um trecho da música ... É uma música que ele faz referência às relações raciais norte americanas, o ébano e o marfim., e tipo assim, ele cantava pra caramba essa música, e ele cantava com outro camarada da sala branco, que era o Cícero, a gente cantava gostava pra caramba, só que não sabia que fazia referência às relações raciais norte americanas. E nossa eu relembro isso hoje e junto a outros elementos ne, como por exemplo, na oitava série o pessoal me achava parecido com um jogador do CRB que se chamava Rubens, então a galera tirava uma onda comigo me chamando de “Rubão” eai Rubão, não sei o que ... Ai de repente o Josi Berto chega , que era um amigo meu ne, na oitava série, ele chega pra mim e ele havia completado ano e a amiga da irmã dele presentou ele com um livro , na oitava série, eu devia ter uns 13 a 14 anos , e de repente Josi Berto me chega com esse livro na sala, o livro do Florestan Fernandes, ‘ O Negro no Mundo do Brancos’ só que obvio que na época eu não sabia nem pra onde ia , o que queria dizer aquilo , não pensava em negritude e nada, tipo assim ele estava completando ano né e a amiga da mãe dele presentou ele com esse livro e ele veio com o livro na aula pra mim e disse assim: “ Rubão tu quer esse livro pra tu ”? e eu disse me dê e eu tenho o livro até hoje né é um dos clássicos do Florestan, o Negro no mundo dos brancos .

R.S Em qual bairro isso aconteceu, onde você nasceu e se criou?

J.S: Eu nasci no Jacintinho né , eu moro aqui no Jacintinho desde os 6 anos de idade , só que eu frequentei duas escolas que fica no Prado o bil decimo e o Adonai uma fica em frente da outra , ambos eram cenevistas , hoje elas são da prefeitura, mas na época elas eram cenevistas, assim meio de segunda categoria e ai foi nessa escola que enfim na adonai não, no Pio decimo que essas coisas foram se constituindo na minha negritude, eai Josiberto me deu esse livro, eu guardei esse livro, mas não sabia o que era negritude o que era ser negro, bem entendido ne isso enfim , não problematizava nada, eu era um estudanete de oitava serie , eu guardei o livro ficou um seculo comigo e so depois que entrei na universidade que eu fui pegar o livro pra ler , fora isso então tem o ebano e o marfim de polmarcartines , tem esse presente do Josiberto . E depois vem o Natanael também que era meu amigo da oitava série e Natanael me apresenta raciais, isso em 1994 e... Tipo assim ele me da uma fita cassete , enquanto o pessoal tava curtindo forró baby som, eu tava ouvindo rap , e eu não me via ouvindo aquele forró que a galera ouvia, aquele forró eletrônico , baby som, mastruz com leite..., eu não me via com o perfil das pessoas que ouvia , essa galera que na época a gente chamava de os piquetes , não me via nem a pau naquele lance. Então foram esses três elementos assim que eu me lembro a princípio. e quando olho pra trás parece que o negócio estava se encaminhando parece que tinha alguma coisa em cima de você, uma entidade conspirando assim sobre você que enfim, desembarcou na minha formação. E depois eu entro na Uniersidade e entro diretamente no curso de História da UFAL e a principio eu escolhi o curso de historia porque era o que eu tinha mais familiaridade , eu nunca fui um cara que dizia apartir de hoje eu vou ser advogado, apartir de hoje eu vou ser medico , vou ficar aqui na area das humanas mesmo, da História ,que é o que a gente traz do colegial , ai fiz Historia e comecei a militancia politica na universidade e ela começa com um partido, ela não começa com o debate negro, eu me inseri no centro academico inicialmente, e é no centro acadêmico q eu vou conhecer as correntes políticas e eu entro pra corrente do trabalho que é a política do PT isso foi em 2000 /2001 e fico um tempo nela, acho que até 2003, eu acho, e ai eu rompo com a corrente porque a medida que eu entro na universidade eu me interessei pela leitura nossa, do nosso povo, das nossas

questões e eu vou vendo que nenhuma corrente na política fazia o debate como eu achava que deveria ser feito e o único debate que a corrente fazia na época era a campanha do abi Jamal. um militante negro norte americano que estava no corredor da morte na época, hoje não mais, mas continua preso. e a corrente era uma das correntes políticas que fazia campanha internacional do cara, eu lembro de ter ido para um encontro de estudantes, acho que no Recife, não em Natal. E o debate político sobre o negro era a campanha do hami abu Jamal e eu só dizia assim pra mim, mas e o negro no Brasil? o que que a corrente tem e aí os camaradas não me davam resposta nenhuma. Eu até contribui com encontros nacionais da corrente, eles são precedidos por textos que os militantes escrevem e passam pra todos os militantes do país fomentando o debate, mas eu não consegui convencer os camaradas do contrário, claro que eu não iria convence-los. Ai eu rompo com a corrente e antes de romper eu ja começo a frequentar algumas instancias do movimento negro, em particular a coordenação de entidades negras de Alagoas que era o CENAL e ai eu não rompo sozinho com a corrente a Sirlene sai também, Sirlene Gomes que é do CEPA, o Pedro também, professor de História e a gente sai e gente vai pra fundar uma organização especifica pra lidar com as nossas questões que vai ser o QUILOMBRO, CEPA QUILOMBO.

R.S Jeferson você foi aluno de dois professores negros que era o José Roberto, o Robertinho e o Zezito, qual as influencias de ter sido aluno na graduação desses dois professores, isso interferiu na sua trajetória?

J.S - A lembrança que eu tenho deles assim... Eu sempre tive dificuldade de considerar pessoas como pessoas influentes assim que me influenciaram nesse percurso, eu os via né e o Robertinho sempre tinha uma perspectiva crítica e tal mas eu posso dizer que do ponto de vista político eu não tenho recordação deles terem me influenciado para o debate, certamente eu lembro que eles faziam o debate, o professor Zezito e tal mas eu não sei eu fiz a disciplina deles muito no começo da entrada à universidade mas eu não tinha eles como poxa o Zezito o Robertinho ... Mas eram os únicos que faziam o debate , principalmente o Zezito, eu lembro de ter feito História da África com o Zezito mas o lance do meu envolvimento foi eu

mesmo, que corri atrás , eu queria ler todos os livros de África que a biblioteca da Ufal tinha e tinha poucos na época, pouquíssimos, acho que li uns 4 ou 5 livros que a ufal tinha na biblioteca sobre Angola e tal, o processo todo da guerra de Angola eu sabia de có e salteado. Tudo que tinha de Africa contemporanea eu gostava de ler, depois parti pra os clássicos sobre a Escravidão, já com Gorender... Enfim foi um lane qe eu fui muito atras , eu nunca percebi um professor que me influenciou e por causa desse professor, eu não percebo isso na minha trajetoria particular , mas naturalmente isso não nega a contribuição. Eu me lembro que o Zezito me deu um informe sobre a bolsa da ford, do programa da fundação ford , isso eu lembro dele. mas eu nunca fui bolsista do Neab por exemplo , parece que a coisa se constituiu meio por fora, pra mim, mas naturalmente eu respeitava eles .

R.S Como se deu a constituição do cepa quilombo?

J.S - Eu, Sirlene e Pedro eramos militantes negros e agente tinha uma visão politica mais ampliada de conjuntura desse ponto de vista de segmento de uma politica mais reivindicatoria coisas que a gente percebia que aas organizaçoes negras em alagoas não tinham. As organizações eram mais percussivas as bandas afro e agente sempre se perguntou, o debate sobre políticas públicas? A gente tem que avançar nisso aqui , e o debate político mesmo, sobre o nosso povo. Então a gente percebendo isso essa deficiencia como a gente lia o movimento negro na época, a gente decidiu contruir essa organização que a gente tinha ate um manifesto que a gente lancou , não lembro o nome mas enfim. Eu lembro que a gente foi num desses atos ai do 7 de setembro e distribuimos esse manifesto ai, eu Sirlene e Pedro, Denis , o Joel tambem , e chega um momento que não havia debate político no movimento negro, dentro das organizações negras o debate ficava muito restrito ao 20 de Novembro onde os grupos se mobilizam em torno dessa data querendo saber quem ia se apresentar, quem ia fazer apresentação na Serra, o debate era muito isso. E o debate não pode ficar nisso aí, a gente via dessa forma, e decidimos pleitear a eleição do Cenal e a gente consegue, e muda o nome pra FENAL. fórum de entidades negras de Alagoas, a gente acreditava que dava um caráter maior de fórum, de maior amplitude, aí a gente já começa a pautar reivindicação para o

governo do estado, lançar candidatura própria nossa as eleições da época, que foi a Sirlene nossa candidata não me lembro as eleições de que ano, mas enfim. Foi pelo PT mas é isso, a gente percebia que o movimento precisava dar uma guinada que até então era resistente, a maioria das organizações negras dizia que não, que o FENAL tinha que ser uma entidade como um órgão que ia ajudar eles a fazer apresentações ser um articulador de apresentações e de melhorias pra os grupos, era algo muito pequeno, a gente trouxe o que seria na verdade a gente trouxe o que seria algo considerado mesmo o que seria o movimento negro, uma política negra, porque muito deles olhavam pra o fenal como uma entidade que vai dialogar, ser um intermediário junto aos órgãos do governo pra bancar alguma apresentação aqui ou acolá e a gente vem e quebra isso, pelo menos tenta quebrar isso. E foi aí que eu acabei indo, quando consegui a bolsa da fundação Ford em 2066 e em 2007 eu fui pra São Paulo. Aí o negócio desandou, e eu fiquei muito mal e foi aí que eu percebi da importância da minha intervenção aí eu pensei eu tenho que voltar para Alagoas, se não o debate vai por água abaixo. aí eu me lembro que no doutorado a Antonieta ficou brava pq eu tinha que passar um ano, e voltei com 3 meses, porque eu não estava aguentando até tinha uns irmãos pretos e minhas pretas mas tipo assim, eles não uma responsabilidade nos Estados deles como eu tinha no meu. Aí eu pensei eu tenho que voltar, não posso me dar o luxo de ficar aqui não. Aí eu voltei. Mas é isso, aí quando volto, o cepa quilombo ele já tem outro contorno ele já ganha outra perspectiva que pra mim era o contrário do que eu queria, porque a gente tinha todo um debate dessa coisa cultural. sabe? de bater nisso, ou de não fomentar de não reproduzir essa coisa da cultura pela cultura principalmente quando você mete folclore no meio, aí o quilombo começou a desembocar por isso aí, eu pensei "puta merda mano, e agora"? Aí eu fiquei nessa, A Selina até ficou um pouco chateada comigo porque eu vi que não dava pra mim mais, eu não me coloquei na situação de dizer "Olha isso aqui não vai poder ter mais não" a galera tava com lance de apresentação cultural no mirante todos os sábados, ou quinzenalmente e aquela coisa me incomodou um pouco e me incomoda até hoje pra falar a verdade, essa coisa de como a elite Alagoana se apropriou construiu, ou reconstruiu esse lance da cultura negra e com o folclore no meio, que me deixa e um jeito.. Qualquer iniciativa nessa linha... É óbvio que eu dialogo com os irmãos e sei fazer a separação da coisa, a diferença... Mas assim, é... Tem um ranço que a elite Alagoana deixou, e eu sou muito reservado com essas iniciativas, principalmente com iniciativas

folclóricas . Agora mesmo o pessoal do SESC chamou a gente pra fazer uma atividade aí eles acham de colocar no meio o coco de roda, ai eu pensei não “ po mano, não, o INEG ta na contramão disso aí, é exatamente o oposto, isso eu dialogando com a Mari, a Mariana Marques, Não Mari, essa parte aí não vai não, a gente tá construindo o oposto, a gente está na contramão dessa perspectiva tradicionalista, ai quando eu vi que o cepa Quilombo estava nessa direção e eu não conseguia mais mudar, nem me coloquei nessa condição de querer intervir para mudar alguma coisa, eu pensei deixa os irmãos ai na pegada que eles acham interessante e tal, aí eu decidi sair , quando eu voltei de São Paulo, eu decidi sair e não continuar mais no Cepa Quilombo, aí a Sirlene continuou tocando...

R.S Como surgiu o INEG e quais eram as principais inquietações e o que te levou a pensar a criá-lo em Alagoas?

J.S - Na verdade, tipo pra mim o Cepa Quilombo foi uma iniciativa que foi degradingando no que eu queria no que eu pensava que deveria ser uma organização negra e inicialmente a gente começa com um grupo de estudos do Negro em Alagoas, então era eu, Davi, também estudante de História, o Davi e Elier, o Sergio das ciencias sociais e o Denis, e só, basicamente a gente, eai eu chamei os irmãos e pensei vamos constituir um grupo de estudos e eles falaram bora, só que não pra ficar só no grupo de estudos, dificilmente ficaria só no grupo de estudos, e a gente pensou , vamos construir uma organização mesmo porque a gente precisa tinha muita coisa pra ser feita do ponto de vista politico e politicas publicas, tinha e tem ainda, né? e ninguém tava fazendo nada, eu olhava para aquilo ali e não acreditava, enfim, eu dizia vamos se constituir enquanto organização e sair desse lance só dos estudos que eu acho que foi mais uma deixa, pra chamar mais irmãos e constituir a organização. eai o INEG nasce em 2010 / 2011 e com essa proposta de dar uma guinada sobre o debate negro aqui no estado, em Alagoas .a ideia era qualificar o debate negro mesmo, trazendo esse carater mais politico reivindicatório, enfim sobre as nossas questões e dialogar com os gestores publicos com base no que a gente tem de empoderamento juridico brasileiro e cair em campo. E Aí nesse debate uma coisa que pegou muito foi a FAPEAL que desde 2010 que a gente não

como INEG, ainda como FENAL a gente acabou ficando com esse lance da diretoria e eu acabei meio que utilizando esse lance, só que a FENAL não existia mais e eu utilizei da estrutura do fórum para iniciar um diálogo com a FAPEAL, e nessa perspectiva muito da influência do programa de bolsas da fundação ford , eu me perguntei porque uma fundação estadual para pesquisa não faz o mesmo também? então eu decidi cair em campo nesse debate, e ai foi umas principais bandeiras, uma das primeiras discussões nas esferas publicas que gente vai dialogar são com eles, pleiteando uma politica especifica de concessão de bolsas para negros e indigenas por parte da fundação, enfim.

R.S Quais foram as principais dificuldades enfrentadas no processo de criação INEG?

J.S -Eu acho que a dificuldade da natureza do debate, debate político mesmo, né? talvez uma dificuldade interna, no primeiro momento dos próprios membros, dos irmãos não verem a organização como um “clube de bolinhas’ eu lembro que no começo a gente sempre se reunia e no final a gente ia tomar uma cerveja, então às vezes o pessoal queria terminar logo o debate pra ir tomar uma cerveja e os irmãos ficavam instigados pra acabar a discussão e ir tomar e tomar uma cervejinha ... (risos) ...

Mas assim, eu acho que é difícil fazer o debate na perspectiva que a gente faz aqui, que a gente tem feito, principalmente no começo. Eu me lembro de algo que eu acho que caracteriza muito bem isso é quando a gente foi dialogar com a imprensa oficial, Graciliano Ramos, eu me lembro como hoje que a gente foi dialogar com um camarada e ele disse assim : “ Não esse lance de negro é com o lance Zumbi “ o Estado tem um aparelho de imprensa que se chama instituto Zumbi , Instituto Zumbi, eu acho que é isso... A TV educativa, a rádio palmares é do Instituto zumbi, e ai o cara chegou com uma proposta pra instituição e ele falou não isso aqui é com eles lá, com uma coisa que não tinha nada a ver, o órgão que ele fez menção era um órgão da imprensa do Estado, então assim, voce dialogar com um gestor nesse

sentido... A dificuldade foi essa, dos próprios gestores compreender, as pessoas que estão no poder de certa forma eles não compreendem esse debate negro, não compreendiam na época principalmente essa política reivindicatória de política pública mesmo. Até então discutir o negro era fazer palestra ,mas não entendam isso como uma política objetiva concreta, e a gente chegou com isso né, olha vocês tem uma política editorial e a gente gostaria que a imprensa oficial definisse uma política específica pra produção de autores negros. Então a gente sempre foi propositivo,o INEG é assim eu acho que o que diferencia a gente também no diálogo com outros, é que o INEG nunca foi uma organização panfletaria, com todo respeito, essa fala panfletaria não é pejorativa , mas é tipo assim, existem organizações que ficam só fazendo esse lance, o que é importante também, a agitação política principalmente quando elas tem vínculo com partidos tradicionais de esquerda, mas o INEG ele sempre foi propositivo em políticas públicas, então quando a gente chega para dialogar com algum gestor, a gente chega com proposta. A gente não chega pra dizer " Olha por que vocês não fazem um debate ?" Não interessa o debate, a gente já chega com uma proposta, o debate já tem sido feito, a gente quer que a instituição tenha responsabilidade e a gente gostaria que ela fizesse isso aqui. Então a gente sempre foi muito objetivo nesse sentido. Essa objetividade representa meio que um repartir o recurso,colocar o dedo na ferida e isso incomoda , isso incomodava e eles não viam dessa forma. para eles falar de negro é falar de capoeira, de jogar capoeira, de folclore, meio que o que vocês estão fazendo aqui com esse debate de querer propor alguma coisa específica para a população negra, então eu acho que isso dá um susto nos gestores, saca? incomoda muito a eles, porque isso é um pulo, é um salto muito grande você sair de estado que nunca discutiu relações raciais, e aí eu me refiro a questão teórica mesmo, da literatura , é um estado com forte tradição no folclore, na folclorização do negro, aonde falar em negro é falar de capoeira, em uma perspectiva culturalista, e aí de repente chega um grupo aqui querendo colocar o negro na condição e na categoria de um segmento que tem uma pauta de reivindicação, que vive uma realidade específica e que merece uma política específica, então isso foi um desafio e tem sido, um desafio nosso, porque nós somos a primeira organização que tem uma postura dessa forma aqui no Estado, considerando o contexto, naturalmente , por que por exemplo quando o Zezito ele é secretário mas aquela época que esse debate de políticas públicas ainda está se constituindo sobre políticas específicas para população negra

e tal...Mas eu considero a galera do Zezito, ele e Vanda, O Robertinho, a galera toda, o Marcelino, o Mariano, foram uns caras que abriram e colocaram a questão do negro em evidencia no debate , a importancia desse segmento, e a gente entra num contexto o INEG entra em um contexto de politicas publicas mesmo, já constituído ou se consolidando, é como se os camaradas abrissem a pista de certa forma e a gente ta entrando com a parte mais pratica agora . Como isso que eu falei, que a gente não quer saber de debate mais porque o debate já foi feito, com os irmão dessa época né . A época do Zezito é a época de sensibilização das instituições, do Estado e do poder. E hoje o INEG está num local de reivindicação dos direitos, já de propor política pública, da promoção da população negra , enfim...

R.S Sobre a atuação do INEG nas ações de políticas de cotas na UFAL:

J.S- Então a gente começa inicia em História, o departamento de História que é o primeiro programa que a gente vai dialogar sobre essa proposta, a gente vai se apoiar numa normativa do Mercadante (ex- ministro da casa civil) que ele já havia instituído no governo Dilma na época que foi Ministro da educação e a gente falou vamos fomentar o debate sobre cotas na pós, era algo relativamente novo, eu acho que tinha uns cinco programas no país na época, quando a gente fez, uns cinco ou quatro, e a gente falou vamos começar a discussão em História aproveitando os professores recém egressos, mais progressistas , aquela galera mais velha tinha saído já, e tinha lá a professora Irinéia, um camarada que estava mas saiu, enfim.. E a gente pensou vamos fazer o debate com o colegiado, a gente vai pra reunião, todo nós, eu, Sergio, Elier, Davi... A gente vai e propõe, a gente pega alguns exemplos de propostas e de programas no país, a gente elabora e apresenta no colegiado, e o colegiado aprova, para a nossa felicidade, isso em 2013, então em 2014 eu acho que inicia a primeira turma com cotas no mestrado em História, nesse tempo a gente acabou assumindo outras coisas também, por que era muita coisa para ser feita mano, do ponto de vista de política pública, muita coisa para ser feita, a gente inclusive era taxado por alguns como “ Ah, voce só querem saber de universidade, só querem fazer coisas na universidade mas isso esteve na minha cabeça, que a gente só foca em universidade, eu acho que a Universidade por ser um espaço que

o debate estava sendo feito nacionalmente então pra gente de certa forma era mais “tranquilo” já tinham iniciativas em outros Estados, então a gente pensou, vamos tocar isso também aqui, já que a gente tem exemplos, então vamos tocar aqui, mas a gente nunca teve por objetivo focar na Universidade, mas aí a gente faz esse debate em 2013/ 2014 no mestrado em História da UFAL, e só depois que a gente vai retomar, então a gente decide chamar o NEAB para o diálogo, a gente então chama a Lígia para uma reunião no INEG não me lembro bem quando, entre 2018 /2017 então ela vai e a gente apresenta uma série de coisas, de pautas, umas cinco pautas talvez, e a gente fala pra ela , ‘ Olha Lígia o NEAB tem que tocar isso aqui no interior da Universidade’ ela concorda e aí começa as reuniões pra constituir a comissão que vai preparar a proposta pra todos os programas da Universidade e tal, até que essa comissão é oficializada pela reitoria e aí acaba com a aprovação da resolução em 2018. Dentro desse debate puxa outro , a nossa proposta inicialmente era de que a nota de corte dos cotistas fosse menor, isso foi uma coisa que a gente bancou nas reuniões da comissão, a gente não abria mão disso, e a gente conseguiu fazer com que isso passasse, por que pra gente não fazia sentido, o cotista ele tem que ter uma nota de corte menor seja na pós ou na graduação e pra gente isso era importante, e a gente consegue fazer com essa característica, depois disso vem um outro debate, um debate que vocês conhecem sobre os professores e os concursos públicos que já havia uma outra iniciativa também no país sobre essa forma de interpretação da lei de cotas nos concursos públicos a gente tem que fazer essa discussão porque se não ninguém faz, e a gente vai e faz e tá aí nesse processo. Enfim... Eu não tenho visto que nacionalmente as instituições e as pessoas que tem encampado esse debate elas só tem tipo assim ah beleza, aí mudou a forma de se interpretar as leis, de fazer os concurso mas o que ficou pra trás ficou né. Eu acho que o INEG seja a única organização que esteja nessa de tentar um retroativo, de pegar e fazer essa reparação dos concursos passados, enfim, é isso.

R.S Me fala Um pouco das frentes de atuação atual do INEG hoje:

J.S- Então é bem diverso, por que a gente se ver sinceramente assim como tendo que dar conta de tudo isso, porque eu vejo que muitas organizações negras parece que pararam no tempo sendo sincero. E nós temos que avançar, o debate é importante, as dinâmicas são importantes e tal, mas a gente tem que discutir política pública, não dá pra ficar só fazendo discussãozinha e debatezinho, entendeu ? a gente tem que avançar, e a gente se ver com uma série de demandas, que se a gente não fizer, não vai, não sai daqui de Alagoas e aí é isso debate em todas as esferas, a gente tem investido na esfera jurídica como vocês tem percebido, na advocacia porque é uma esfera que a gente pode ter ganhos, ganhos consideráveis, que o movimento historicamente não tem isso como prática, e a gente tem conseguido alcançar uma juventude advogada legal, assim, fico feliz por isso, a ideia nossa na verdade é não só lida com a advocacia mas com todas as áreas do conhecimento, com todas as categorias profissionais, a ideia nossa é constituir nucleos negros em todas as categorias profissionais sejam advogados, professores, enfermeiros... Enfim, arquitetos, assistente social por que a gente entende que tem o entendimento de que a gente precisa constituir organizações negras, é um dos debates que o INEG trás também da necessidade da gente constituir organizações negras, quando a gente impulsiona a criação da ANU (Associação de Negros e Negras) ai na UFAL, a gente insiste muito nesse debate, porque a gente sabe que os estudantes negros precisam se organizar enquanto tal, com base na raça, sem que isso seja um simples nucleo dentro de um DCE ou de um sindicato, a gente precisa sim constituir uma associação de psicólogos negros, a gente fez esse debate com o pessoal da psicologia, então vamos pensar e algo mais sólido, porque esse negocio de articulação é um lance muito aberto muito solto, a gente precisa institucionalizar as coisas, tem que criar uma associação mesmo, Associação de Psicólogos Negros de Alagoas, e isso vale para todas as categorias, então assim, hoje o INEG, ele tem meio que trabalhado com demandas, a gente tem propostas e projetos maiores um deles foi esse das cotas no Municipio, que já foi aprovado mas não foi promulgado ainda a gente vai acabar judicializando isso pelo jeito, mas é uma judicialização mais facil, porque já teve aprovação da camara só basta os caras promulgarem agora né, mas essa tem sido a última, fora a questão do black face, a gente quer fazer o debate junto agora com o pessoal do IFAL sobre as bancas, por que o IFAL não tem banca de heteroidentificação, só na pós graduação que tem, pra concurso, mas não tem para os alunos, então estou começando a discutir sobre isso

com o pessoal do NEAB como é que a gente pode pressionar a instituição para fazer isso acontecer, mas o INEG tem trabalhado muito por demandas, as demandas aparecem e a gente vai pleiteando e debatendo.

Muito obrigada Jeferson, pela atenção.